

2018 O FUTURO É HOJE

FIM DE CICLO.
BEM-VINDO O NOVO.



Yeda Crusius
Deputada Federal

2018

O FUTURO É HOJE
FIM DE CICLO. BEM-VINDO O NOVO.

Brasília

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Apresentação | 5 |
| Fim de ciclo. Bem-vindo o novo | 6 |
| O Início: Constituinte de 1988 | 11 |
| A Ação Política: 1993, Plebiscito do Parlamentarismo, Ministério do Planejamento no Governo Itamar Franco | 15 |
| 1994, Plano Real, Primeira Eleição para a Câmara dos Deputados | 17 |
| 1998, PSDB Mulher e Vida Partidária | 21 |
| 2000: Novo Milênio, Instituto Teotônio Vilela – ITV | 24 |
| 2006: Eleição para o Governo do Rio Grande do Sul | 25 |
| 2017: Quarto Mandato, Instabilidade Política, Estabilidade Econômica do Governo Temer | 30 |
| Hoje | 31 |

APRESENTAÇÃO

O futuro é hoje. Como economista estudo há décadas a teoria e a história dos ciclos. Não só a dinâmica econômica, mas a própria vida evolui através deles. O fim de um ciclo cria as condições e o espaço do próximo. Meu ciclo na política começou há 30 anos, quando outro – o de comunicadora, consultora de Economia, e de acadêmica da UFRGS – se deparava com o novo dos anos 90.

Hoje, em 2018, as Eleições marcam o fim de um ciclo iniciado na estruturação constituinte do Estado Democrático de Direito brasileiro. Estamos no mesmo ponto de partida de há 30 anos, quando do processo Constituinte, com o mesmo e forte dilema: o que fazer para construir um futuro melhor, que dê mais sanidade e qualidade à nossa convivência social?

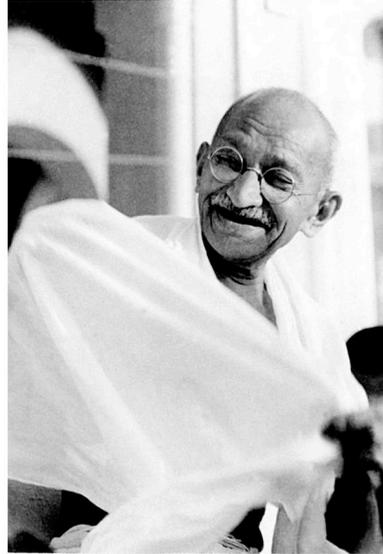
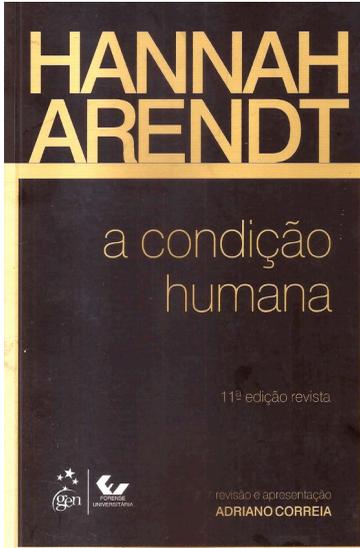
O encadeamento dos fatos que duram átimos nesses nossos entontecedores tempos me trouxe a um encontro marcado regimentalmente para um Grande Expediente, na tribuna da Câmara dos Deputados. No dia 30 de outubro de 2018 às 15h, deixei, para o plenário e para os espectadores da TV Câmara, pela última vez nesta legislatura, minha mensagem como Deputada Federal. São 30 anos de vida política celebrados em um dia 30. Nada é por acaso.

Fim de ciclo, portanto. Não há que ter medo. Uma trajetória percorrida, celebro, novos rumos a percorrer, espero. Boa leitura!

Yeda Rorato Crusius
Deputada Federal (PSDB/RS)

O FUTURO É HOJE

FIM DE CICLO. BEM-VINDO O NOVO



Capa do Livro “A Condição Humana”, 11ª Edição, de Hannah Arendt, ano 2011. | Mohandas Karamchand Gandhi nasceu a 2 de outubro de 1896 na cidade de Porbandar. O nome honorífico Mahatma quer dizer “grande alma” em sânscrito. (Fotos: Divulgação da Internet)

A condição humana (*A Condição Humana*, de Hannah Arendt, University of Chicago Press, 1958) em tempos confusos como os atuais, quando uma ordem se desmancha sem que outra ordem a venha substituir pois está em construção ainda incompleta, clama por referências de um líder, um herói, ou um formulador, que reconhecidamente tenha influenciado os destinos do mundo e o transformado. Citações repetem: o mundo antes de (...) e depois de (...). Uma dessas pessoas foi Mahatma Gandhi (1869-1948), que disse “o futuro dependerá daquilo que fazemos no presente”.

Se você não tiver um hoje ativo, consciente, não terá um futuro que deseje ou espere. Sim, sempre esteve e sempre estará em suas mãos, na eterna busca pelo conhecimento. Delegar ou adiar não o levará ao seu próprio amanhã, e o colocará entre os desiludidos ou deprimidos da grande massa que se esconde ou cala. Isso vale desde o voto até o encarar a sua realidade.

Para encaminhar, lembro de um momento de transformação que aconteceu em um *hoje* a se celebrar e que se deu no Brasil. Há 30 anos, no dia 25 de junho de 1988, líderes e pensadores decidiram durante o processo Constituinte criar um novo partido político que os levasse a um futuro há tempos sonhado pelos que fazem política: o de um Brasil organizado como um Estado Democrático de Direito, fundamento para o sistema republicano. Esse partido foi o PSDB, que transformou o Brasil ao participar da elaboração e da aprovação não apenas da Constituição Federal que nos guia até hoje. Continuou, como partido político, a participar de eleições sucessivas, alcançando posições majoritárias nos Legislativos e nos Executivos nos três níveis da Federação em que atuou através de formulação de políticas econômicas e sociais inovadoras, de implementação de planos, de prática de comportamentos éticos, e principalmente na defesa do bom uso do dinheiro público. As teorias e as práticas do PSDB mudaram o país para melhor. Muito melhor.

Trinta anos depois, essas eleições gerais de 2018 que, para mim, marcam o fim de um ciclo iniciado ali na estruturação constituinte do Estado Brasileiro, estão a mostrar hoje, recém terminado o segundo turno, que estamos no mesmo ponto de partida de há 30 anos, com o mesmo e forte dilema: o que fazer para construir um futuro melhor, que dê mais sanidade e qualidade de vida à nossa convivência social.



O então presidente da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, ergue a Constituição "Cidadã", em 1988. (Foto: Lula Marques/Folhapress) | Ilustração de Fake News (Foto: BBC News)

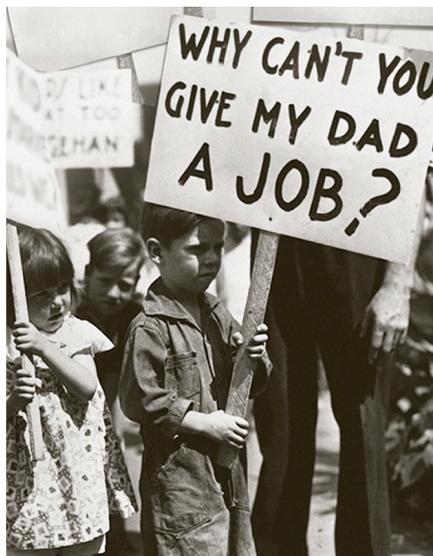
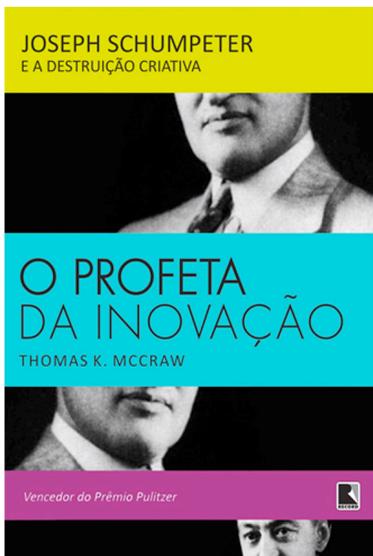
Essas eleições foram marcadas pela manifestação de uma cultura de violência e ódio, em meio à gigantesca transformação permitida pela tecnologia da informação (TI). Esta nova tecnologia é a mesma que por um lado permite a substituição do Homem em tarefas feitas por Inteligência Artificial, alterando de modo fundamental o mundo do trabalho, e por outro, permite tecer infinitas redes entre pessoas que aos milhões se encontram livremente nas mesmas ruas e no mesmo momento. Ainda, por outro lado, viabiliza as *fake news* que, ao serem disparadas a cada segundo, implodem relações, assassina reputações, alimentam a cultura da violência e do ódio que marcou essas eleições.

O encadeamento dos fatos que duram átimos de segundos nesses nossos entontecedores tempos me traz a esse

encontro marcado regimentalmente para um Grande Expediente, a esta tribuna, para transmitir a este Plenário e pela TV Câmara pela última vez nesta legislatura minha mensagem de Deputada Federal no seu quarto mandato. Trinta anos de vida política celebrados em um dia 30, nada é por acaso.

Como economista estudo há décadas a teoria e a história dos ciclos. Não só a dinâmica econômica, mas a própria vida evolui através deles. O fim de um ciclo cria as condições e o espaço de outro. Como disse Joseph Schumpeter, o economista austríaco que formulou a teoria da “destruição criativa” dos ciclos, as sementes da recuperação estão na recessão, e vice-versa. Na Economia, ciclos longos, de 60 anos mostram sempre a transformação duradoura que uma nova base tecnológica gera. As chamadas Revoluções Tecnológicas. Dentro desses ciclos maiores, outros de 30 anos, são fruto do requerimento para a adaptação das instituições políticas e sociais à realidade que a tecnologia transforma.

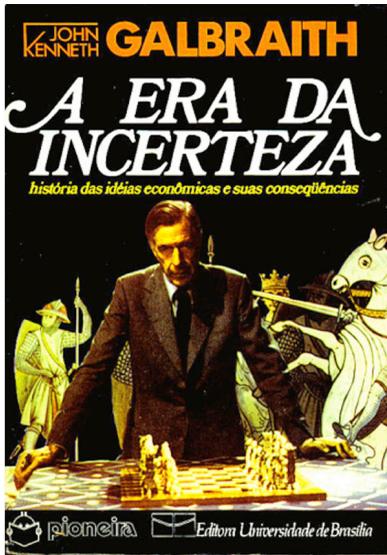
Cito alguns dos ciclos de 30 anos pelas décadas de seu início e, de modo simplificado, as associo ao ciclo tecnológico e político. (1) **1930**: a Grande Depressão de 1929, as novas máquinas industriais que serviam à guerra, as sementes do totalitarismo, e aqui o longo governo de Getúlio. (2) **1960**: construção do Muro de Berlim, Guerra Fria, tecnologia espacial/computacional, Revolução Cubana - guerrilha, regimes militares na América Latina. (3) **1990**: Queda do Muro de Berlim e fim da Guerra Fria, Globalização, Era da Informática, fim dos regimes militares na América Latina. (4) chegando a **2020**: desconstrução da Ordem Mundial iniciada em 1945, maturidade da Globalização dos anos 90 com a emergência da China, fluxos migratórios, a nova Era da Tecnologia da Informação Redes e Inteligência Artificial).



Capa do livro "O Profeta da Inovação: Joseph Schumpeter e a Destruição Criativa", de Thomas K. McCraw (Rio de Janeiro: Record, 2012. pp. 768) | Grande Depressão de 29: a pior crise econômica da história durou mais de dez anos nos Estados Unidos. (Fotos: Ilustração da Internet)

Um novo choque civilizatório com possível retrocesso pode estar em curso. Como evitar isso na nova fase desta *Era da Incerteza* (John Kenneth Galbraith, 1979) e de "O Futuro do Capitalismo" (Lester C. Thurow, 1997). Pela via política, nos ensina Arendt.

Para sair do discurso para a prática, peço vossa paciência para fazer uma breve digressão de minha trajetória política, para poder chegar ao *hoje* que, para mim, está a requerer o reconhecimento de fim de um ciclo. Só assim, creio, podemos reconhecer também a natureza do próximo ciclo, inclusive para meu partido, o PSDB, nascido em 1988, assim como para o próprio PT e outros criados na redemocratização. Reconhecendo o fim de ciclo desses anos, é preciso explorar a natureza do novo ciclo e com ela dizer o que penso para o futuro de meu partido.



Capa do livro "A Era da Incerteza: História das Ideias Econômicas e Suas Consequência", de John Kenneth Galbraith (Editora Pioneira, Ano 1980, 379p.) | O Fim da Ditadura e o Início do Processo de Redemocratização (Fotos: Ilustração da Internet)

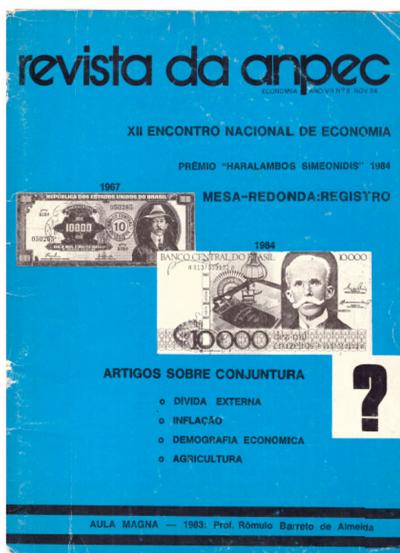
O INÍCIO: CONSTITUINTE DE 1988

Meu ciclo na política começou há 30 anos, quando outro – o de comunicadora, consultora de Economia, e de acadêmica da UFRGS - chegava ao fim depois de décadas de atuação. Em 1982, na redemocratização, o país voltava a realizar as primeiras eleições diretas do período militar iniciado em 1964 (com exceção do voto para presidente, que se realizaria em 1989). Os debates eleitorais em rádio e TV eram novidade e decisivos para o esclarecimento da população, ávida por informações sobre os candidatos nas poucas alternativas de que dispunha via mídia.

Particpei, primeiro em 1982, na TV Guaíba, juntamente com o jornalista Amir Domingues, de saudosa memória, dos

debates para as primeiras eleições do multipartidarismo do período militar, a primeira desde 1962. Para governador do Rio Grande do Sul, Jair Soares (PDS) derrotou Alceu Collares (PDT), Olívio Dutra (PT) e Pedro Simon (PMDB). Os derrotados de 1982 foram os vitoriosos de 1986 (Simon), 1990 (Collares), 1998 (Olívio).

E foi assim que minha experiência nos meios de comunicação, que havia começado em minha área, a economia, foi migrando para outra editoria, de grande interesse para mim: a política. Segui nessa experiência na era do Plano Cruzado aplicado após a morte de Tancredo, o último eleito pelo voto indireto, já sob o comando de José Sarney.



Capa e Editoria da Revista da ANPEC, edição de 1984, sobre o Plano Cruzado. Yeda Crusius era a editora da publicação. As alternativas de um Plano contra a inflação. (Foto: Arquivo Pessoal) | Pessoas davam marteladas para quebrar o Muro de Berlim em 11 de novembro de 1989 (Foto: David Brauchli/Reuters)

Com esse plano heterodoxo foram eleitos TODOS os governadores em 1986 pelo PMDB menos um, no Sergipe, pelo PFL. Já então a população mostrou escolher a partir do Plano Cruzado, pela via do voto, o fim da inflação como objetivo maior do período democrático. O que não combinava com o congelamento de preços de todos os planos heterodoxos que vieram a seguir e depois do Cruzado. E a inflação resistia.

Em 1988, na esteira das grandes transformações mundiais - que culminaram com a queda do Muro de Berlim (1961-1989) e o fim da Guerra Fria (1945), até a extinção da União Soviética (1991) -, e plena Constituinte, aqui no Brasil foi fundado o Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB. Constituído por políticos dissidentes, oriundos principalmente do PMDB, e por descontentes de todos os pontos do espectro político nacional, da esquerda à direita, e, sobretudo, descontentes com a direção dada à natureza constitucional conservadora do chamado “Centrão”.

A frase que abre o programa do PSDB diz muito sobre as intenções do grupo que o criou: *“Longe das benesses oficiais, mas perto do pulsar das ruas, nasce o novo partido”*. Liderado por dois grandes políticos em São Paulo que já nos deixaram, Mário Covas e André Franco Montoro, o PSDB dos fundadores ouvia e fazia parte das vozes das ruas. Agora, esse mesmo partido deixou de ouvir a voz das ruas, que explodiu com as manifestações de junho de 2013 e seguiu até depois do *impeachment* da presidente Dilma em 2016. O fenômeno era mundial, via redes sociais. Estava sendo aberto o espaço político que o PSDB havia ocupado, liderando o Centro Democrático contra o populismo do PT. Como em política não existem espaços vazios, em 2018 ficou claro que o espaço estava sendo ocupado de modo tímido, jogando para os extremos (PT e hoje PSL) a condução da mudança.



Franco Montoro, Fernando Henrique e Mario Covas na fundação do PSDB. (Foto: Lucas Figueiredo/Folhapress) | Em 2018, Jair Bolsonaro (PSL) conquista a vaga para Presidência da República (Foto: AFP / Mauro Pimentel)

Para não saltar etapas, volto à história que vivi. Eu respirava as mudanças do mundo pós-Muro como a de um novo ciclo, tendo a Paz como objeto maior da convivência entre os povos. A experiência brutal das Grandes Guerras deu base para uma Nova Ordem Mundial, com a criação de instituições multilaterais a partir de 1945 que pudessem impedir a eclosão de uma nova Grande Guerra já com a arma nuclear como possibilidade concreta. O *hoje* dos anos de 1990 foi a possibilidade de um novo ciclo de desenvolvimento através do término das ditaduras e início das novas democracias. Possível.

Decidi por evoluir na minha vida pública para a participação dessa construção através da política formal, partidária. Pelo PSDB e pelos líderes, pela defesa do

parlamentarismo, pela via das reformas constitucionais como ação política para a transformação, pelo combate ao fisiologismo/populismo/totalitarismo, e pelo DNA que se definia pelo PSDB: o uso responsável do dinheiro público. Tudo no projeto me seduzia e mergulhei nele de cabeça.

A AÇÃO POLÍTICA: 1993, PLEBISCITO DO PARLAMENTARISMO, MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO NO GOVERNO ITAMAR FRANCO



"Caras Pintadas" no Impeachment de Presidente da República Fernando Collor (Foto: divulgação da internet) | Posse de Yeda Crusius como ministra do Planejamento no Governo de Itamar Franco em 1993, ao lado do presidente da República e da também ministra, Luiza Erundina. (Foto: Arquivo Pessoal)

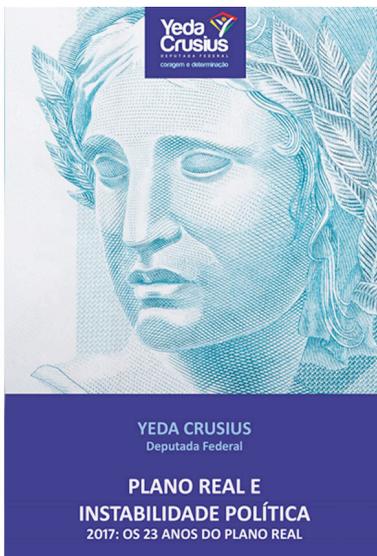
Já filiada, em entrevista à TV em Passo Fundo no final de 1992 analisei a formação do governo do então vice-presidente Itamar Franco. Nessa entrevista defendi a formação de um

governo de coalizão, que superasse a fase de profunda instabilidade política que havíamos vivido em 1990 com o congelamento da poupança do Plano Collor, e com o *impeachment* em 1992. Para isso era preciso união, convergência, em torno da manutenção da recente democracia. Apenas o PT se recusou a participar, embora tivesse participado da base para o *impeachment*. Durante todo o período posterior até nossos dias, se recusou a participar de qualquer governo que não fosse “o dele”.

Em janeiro de 1993 veio o convite, que aceitei, e que fortalecia a determinação presidencial de ter mulheres em pelo menos dois ministérios. Assumimos no mesmo dia Luiza Erundina, na pasta de Administração Pública, e eu, na Pasta do Planejamento e Orçamento, que repartia com o Ministério da Fazenda do meu amigo Paulo Hadad a responsabilidade para a elaboração de um plano de combate à inflação que era a obsessão do Presidente Itamar. Esse foi o meu compromisso. Quando vi que a condução da Fazenda não levaria a isso, já estando sob novo comando, pedi para que os dois fossem trocados. Foram. Entrou FHC na Fazenda e formou a equipe do Real, com tantos economistas com os quais convivia eu na ANPEC (ver a história da ANPEC em www.yedacrusius.com.br). Enfim. Continuaría a trabalhar pela maior demanda da população mesmo fora do governo, e queria fazê-lo na Câmara dos Deputados, onde as reformas se faziam urgentes. Ainda se fazem.

1994, PLANO REAL, PRIMEIRA ELEIÇÃO PARA A CÂMARA DOS DEPUTADOS

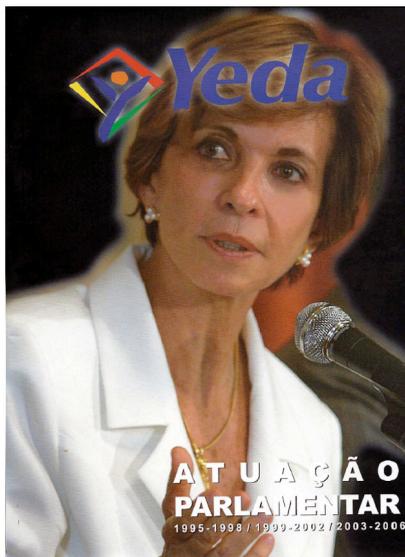
Há decisões que, no momento em que as tomamos, causam estranheza, mas sustentadas em firmes porquês. Minha decisão de concorrer ao cargo de deputada federal foi uma dessas. Depois da experiência como ministra e ante o plano sem congelamentos (Plano Real) tinha tudo para vencer as eleições presidenciais – e venceu – meu desejo era de permanecer na política e ajudar na implantação das reformas necessárias para a estabilidade e o desenvolvimento economicamente sustentável.



Capa da Separata “Plano Real e Instabilidade Política – 2017: Os 23 Anos do Plano Real”, de Junho/2017. | Posse de Yeda Crusius no seu primeiro mandato de deputada federal em 1995. (Fotos: Arquivo Pessoal)

Em 1994, ano do Real e da campanha de FHC Presidente, pude conquistar esse espaço. Pela primeira vez mulheres eram

eleitas para representar o Rio Grande do Sul no Congresso Nacional, e logo três, uma de cada partido político: Esther Grossi (PT), Emília Fernandes (PTB) e eu (PSDB). No estado, o PSDB ainda era um partido provisório. Mister crescer! E cresceu, até poder me conduzir a Governadora do RS (2007-2010).



Escândalo dos Anões do Orçamento. José Carlos Alves dos Santos na capa da Revista Veja, foi o delator do maior esquema de corrupção até então no país. (Foto: Reprodução da Internet) | Capa do Relatório sobre a atuação parlamentar de Yeda Crusius nos três primeiros mandatos como deputada federal (1995-1998/ 1999-2002/2003-2006). (Foto: Arquivo Pessoal)

Três mandatos sucessivos, Governadora, e agora no meu quarto mandato, me deram a oportunidade de atuar nas áreas que mais me são caras: Cultura da Paz e Prevenção a Violência, Economia, Finanças e Tributação, Segurança, Relações Exteriores e Promoção da Mulher. Conto, dentre centenas de ações realizadas, sobre algumas que pude concretizar. Já na primeira legislatura pude, como mandavam as conclusões da CPI dos

Anões do Orçamento, participar da formulação de importantes mudanças na elaboração do OGU. Pude, também, coordenar a Assessoria Técnica do PSDB na Câmara dos Deputados, feita de gente competantíssima.

Em minha segunda legislatura, em 1999, presidi a Comissão de Finanças e Tributação no momento em que o Real perdia paridade com o dólar e o governo precisava de uma atuação forte para afirmar que o Real era firme, não estava a perigo, mas chamava por mudanças. Vem daquele ano também minha decisão de “tirar da gaveta” e entregar a relatoria a um deputado do PSB, ligado à área, um projeto de lei de Iniciativa Popular, que precisa de assinatura comprovada de pelo menos 1% dos eleitores em todo o país, e que foi o embrião do *Estatuto das Cidades*, a Lei nº 10.527, de 2001.



Fundadora e integrante do Grupo Pró-Congresso contra a corrupção, a deputada Yeda Crusius proferiu discursos na tribuna da Câmara sobre a crise ética e os escândalos que envolveram o Governo Lula e o PT. Na ocasião, o grupo solicitou ao então presidente da Câmara, Aldo Rebelo (PCdoB/SP), a investigação e punição dos deputados mensaleiros. (Fotos: Luiz Cruvinel/CD)

No meu terceiro mandato, o primeiro na oposição, concluído em 2006, já eleita governadora do Rio Grande do Sul, estourou o mecanismo conhecido como *Mensalão* revelado em 2005 e conduzido em processo pelo Supremo Tribunal Federal,

já que os envolvidos detinham foro privilegiado. Competente e ponderado, o Ministro Carlos Ayres Brito, como presidente do STF soube conduzir até o final esse processo. O relator foi o Ministro Joaquim Barbosa. Falar em Legislativo sem abordar o que poderia ter sido, se nosso futuro houvesse sido construído de maneira diversa, seria imperdoável. A compra de apoio de parte do Legislativo por parte do Executivo é uma corrupção odiosa. Demole a República.

Assim que revelado o Mensalão, em 2005 pude, junto a outros parlamentares indignados com o escândalo, propor ações concretas como o *Movimento Pró-Congresso*, para denunciar o ataque àquela instituição a partir do Governo Lula, e propor mudanças que impedissem a repetição desse crime organizado a partir dele, governo. Infelizmente, Lula foi reeleito em 2006, e não apenas deu continuidade ao método, como o aprofundou. Elegeu como sucessora em 2010, Dilma Rousseff, sua ministra desde seu primeiro mandato, em 2003. Um novo escândalo de desvio bilionário de dinheiro dos governos Lula e Dilma, a partir da Petrobras, conhecido como *Petrolão*, estourou em março de 2014, através da operação da Polícia Federal conhecida como *Lava Jato*. Enfrentando gigantescas manifestações de rua, mesmo assim, a sucessora apontada por Lula foi reeleita numa eleição cercada de denúncias, inclusive sobre manipulação da urna eletrônica. Produzindo a maior recessão da história, Dilma não governou, sofrendo *impeachment* em 2016. Afinal, quem tira o presidente eleito é o povo, mediado pelo Legislativo e pelo Judiciário.



O juiz federal Sergio Moro, a então presidente da República, Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula, personagens da Operação Lava Jato. (Foto: Reprodução da EBC)

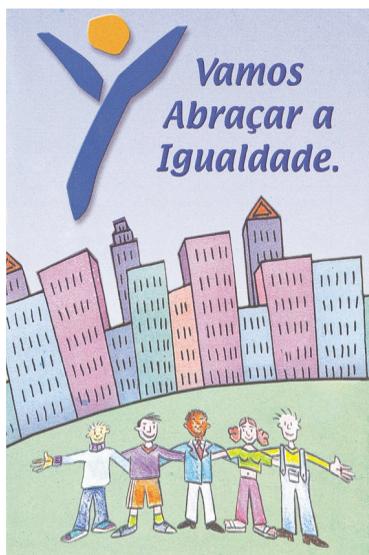
O resultado desse comportamento inaceitável conduzido pela organização criminosa montada no centro do poder mais alto assistimos agora: instituições desacreditadas perante a opinião pública e a reação organizada pela sociedade, gerando uma renovação exemplar de grande parte do Congresso Nacional. O país não suporta mais. Fim do ciclo dos anos 1990.

1998, PSDB MULHER E VIDA PARTIDÁRIA

Assim como o parlamentarismo, parte importante dos estatutos de fundação do partido, a participação da mulher na política sempre me foi essencial como bandeira política. Com o lema **“Vamos Abraçar a Igualdade”**, inclusive, fiz minha campanha à prefeitura de Porto Alegre em 2000. Garantir e

promover a igualdade de oportunidades é passo insubstituível para a construção de uma Cultura de Paz.

Talvez a política seja hoje um dos últimos redutos que ainda resiste à força e ao protagonismo feminino. As mulheres já conquistaram imensos avanços da igualdade em muitas áreas, mas ainda são minoritárias na política nacional. Era uma questão de tempo que mulheres chegassem ao comando do Poder Judiciário e com isso se pudesse conduzir através da ação dessas uma mudança essencial: a do financiamento em condições de igualdade aos fundos públicos criados para as eleições de 2018.



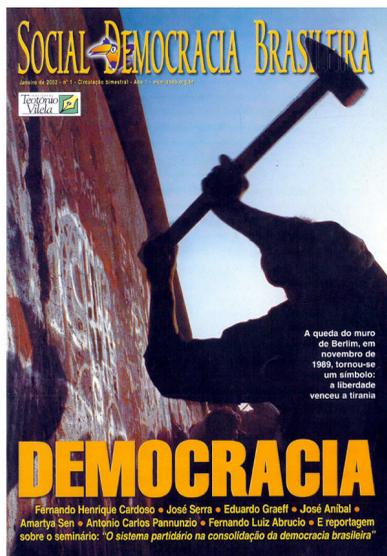
Logo e Slogan da Campanha "Vamos abraçar a igualdade" para a prefeitura de Porto Alegre/RS em 2000. | Criação do PSDB-Mulher Nacional em 1998. (Fotos: Arquivo Pessoal)

Antes, em 1998, participei da criação do PSDB-Mulher durante convenção do partido, junto com parceiras do porte de Lucy Montoro, Ruth Cardoso, Ceci Cunha – assassinada naquele

ano no dia de sua diplomação como deputada, a mando de seu suplente – e de muitas outras batalhadoras pela igualdade. A fundação do PSDB-Mulher se deu pela necessidade de organizar as mulheres do PSDB, em todo o país, em torno de um ideário que reconhecia a ínfima participação feminina na política, a fim de criarmos as condições de protagonismo na formulação e na condução de políticas tão caras à socialdemocracia.

Deu certo. O PSDB-Mulher, que presidi em sua fundação, cargo que voltei a ocupar em 2017, é hoje o segmento feminino partidário melhor organizado que conheço no Brasil, com mulheres vocacionadas e prontas a cumprir seu papel no momento de renovação que o país exige. Elegemos 60% a mais de deputadas federais pelo partido, enquanto os homens levados pelo tsunami das eleições reduziram em 50% o número de eleitos. Elegemos 33% a mais de deputadas estaduais, e a única senadora pelo PDB, Mara Gabrilli.

2000: NOVO MILÊNIO, INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – ITV



08/12/17: Encontro Nacional do PSDB-Mulher em Brasília. (Foto: Orlando Brito) | Capa da Revista Social Democracia Brasileira: Democracia, produzida pelo Instituto Teotônio Vilela (ITV) em Janeiro/2002.

Em 2000 fui eleita e assumi a presidência do ITV (Instituto Teotônio Vilela – órgão de estudos e formação política do partido), substituindo o senador Lúcio Alcântara. Dando continuidade à excelência dos trabalhos do ITV e, ao mesmo tempo, inovando, cuidei de uma agenda de seminários e publicações, além da concepção e do lançamento da revista *Social Democracia Brasileira*. Em fevereiro de 2002, perdida a eleição para a presidência, publicamos seu primeiro número, no qual legisladores, lideranças e intelectuais – todos ligados ao PSDB ou à causa socialdemocrata – discutiram e expuseram análises sobre a Democracia.



Seminário do Instituto Teotônio Vilela (ITV). (Foto: Arquivo Pessoal) | 29/05/18:
Reunião da Bancada do PSDB com as deputadas Mara Gabrilli (PSDB/SP) e Conceição Sampaio (PSDB/AM). (Foto: Alexssandro Loyola)

Assim, pude realizar um trabalho partidário que foi muito além da Executiva Nacional e dos trabalhos parlamentares, por si só imensos, avançando nas formulações típicas de um *think tank* como o ITV, e na organização social, como o PSDB-Mulher.

2006: ELEIÇÃO PARA O GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL

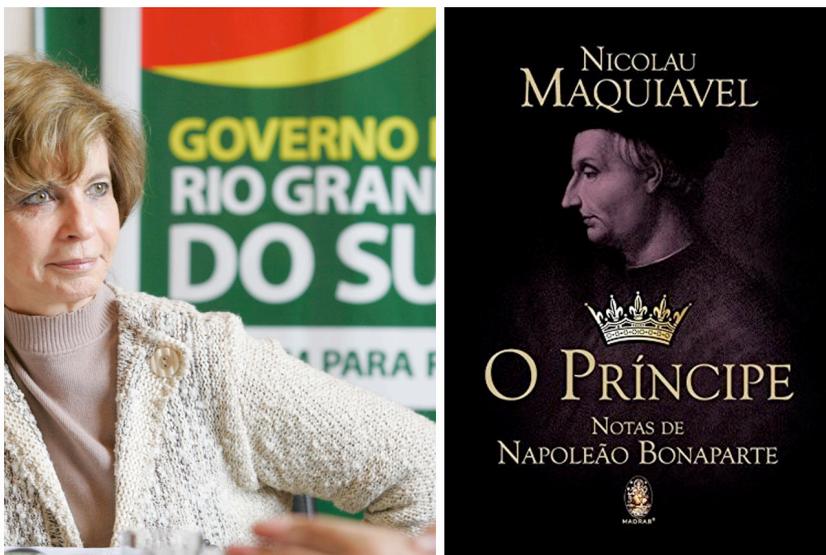
No mundo a passagem dos anos 1990 para os 2000 renovava década, século e milênio, com as bases tecnológicas do novo ciclo, o da Informática, e com ela a Era das Comunicações, avisando que nada seria como era antes novamente. A tão aguardada Era de Aquário trazia com ela um novo modo, não só de produzir como de viver.

No Brasil, um dos grandes legados dos governos Fernando Henrique Cardoso foi ter criado, por meio do controle da inflação e das reformas constitucionais, as condições de acesso a todas as pessoas a esse mundo novo, em todo o país. A prática democrática, a defesa das liberdades individuais e coletivas, a redução da pobreza, a reforma agrária, a distribuição de renda, as crianças na escola e o acesso aos bens de consumo básicos, além de telefones, computadores, automóveis, etc., tudo se realizou de forma célere e eficiente.

Em Porto Alegre, alguns amigos, intelectuais de primeira linha, militantes do PSDB, formaram o que chamaram de *Grupo Zero*. As finanças do estado continuavam caóticas, apesar do esforço do governo estadual, e o Rio Grande do Sul ia perdendo terreno no concerto nacional. Esses amigos traçavam planos para propor um projeto para reerguer as finanças do RS. Quase ao mesmo tempo empresários, políticos e trabalhadores faziam o mesmo, na chamada *Agenda 2020*, e na Assembleia Legislativa, líderes estruturavam uma ampla discussão com a finalidade de elaborar um consenso, denominado *Pacto pelo Rio Grande*, com os mesmos objetivos propostos pela sociedade. Considerando essas movimentações e a calamidade econômico-financeira em que o estado se encontrava, decidi, em 2005, aceitar o desafio de liderar politicamente o projeto. Eu estava decidida a abrir mão de um possível quarto mandato na Câmara Federal e apresentar-me ao PSDB como pré-candidata ao governo gaúcho.

Não adiantou a torcida contra, cheguei na frente no primeiro turno e venci Olívio Dutra no segundo, com 51,54% dos votos válidos, contra 44,01%. No Grenal da política gaúcha, o resultado é sempre meio a meio... E fui eleita a primeira governadora do Rio Grande do Sul.

Tomar decisões políticas difíceis traz um alto custo pessoal, porque impopulares apesar de necessárias, e implementar programas de gestão modernos e eficientes fez com que o Rio Grande do Sul saísse do injustificável penúltimo lugar entre as unidades da Federação no *ranking* fiscal e passasse a ocupar as primeiras posições, já em 2008. O plano funcionou tão bem que em 2009 o déficit zero interrompeu 38 anos de déficit contínuo. Apenas a minha gestão, entre os anos de 1971 a 2015, entregou as contas no azul a seu sucessor.

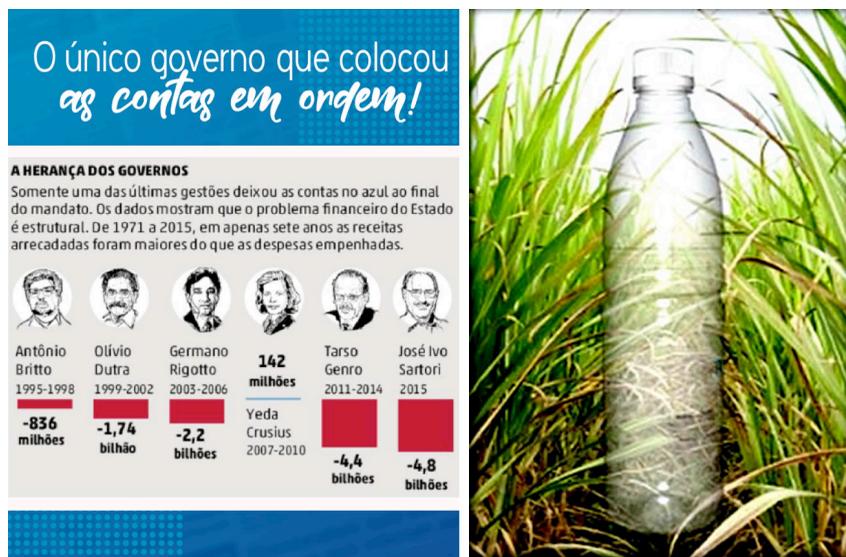


Yeda Crusius, enquanto governadora do Rio Grande do Sul (2007-2010). (Foto: Arquivo Pessoal) | Capa do livro “O Príncipe” de Nicolau Maquiavel. (Foto: Ilustração da Internet)

Cito, desde há muito tempo, uma frase de Nicolau Maquiavel, presente em *O Príncipe*, escrita à época em que as Américas eram descobertas e a Idade Média findava, mas que ainda é atual e relevante, como há de ser com os grandes

clássicos: *“Nada é mais difícil de executar, mais duvidoso de ter êxito ou mais perigoso de manejar do que dar início a uma nova ordem de coisas. O reformador tem inimigos em todos os que lucram com a velha ordem e apenas defensores tépidos nos que lucrariam com a nova ordem”.*

A perenidade dessa observação é verificável no cotidiano político. Em minha jornada rumo à nova ordem econômica e por condições de vida mais justas para os gaúchos, encontrei inimigos e paguei um preço alto, que não vou citar hoje, dia de festa e celebração, de encerrar um ciclo. Sobre o assassinato de reputação de que fui vítima já falei bastante em meu último livro: *Coragem e Determinação – Um Infinito Ainda Por Fazer.*

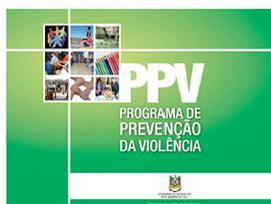


Card comparativo dos governos do Rio Grande do Sul. A única gestão com mandato no azul foi a de Yeda Crusius (Fonte: Zero Hora- 22/11/16) | Ilustração da Internet sobre o Plástico Verde.

Hoje falo do déficit zero, que me propiciou investir em projetos inovadores como a revitalização do Cais Mauá, o PPV – Programa de Prevenção à Violência, que contribuiu de forma efetiva para a redução da criminalidade nas comunidades mais violentas, a reforma do nosso belo Palácio Piratini, a primeira fábrica de plástico verde do mundo - material hoje usado pela NASA! www.yedacrusius.com.br.



RELATÓRIO GLOBAL DE
DESENVOLVIMENTO
DO PROGRAMA DE
PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA



Atualização - 26/07/2010
[Rio Grande do Sul - Brasil](http://www.rio-grande-do-sul.gov.br)

23/12/10: Assinatura do Contrato de Revitalização do Cais Mauá no Governo Yeda. (Foto: *Silvio Alves*) | Capa do Relatório Global de Desenvolvimento do Programa de Prevenção da Violência (PPV) – Julho/2010. (Foto: *Arquivo Pessoal*)

Hoje celebro o novo governo do PSDB no Rio Grande do Sul, desejando boa sorte e êxito, a Eduardo Leite. Sei que saberá seguir o rumo do nosso partido nos seus melhores momentos.

2017: QUARTO MANDATO, INSTABILIDADE POLÍTICA, ESTABILIDADE ECONÔMICA DO GOVERNO TEMER

Voltando à Câmara dos Deputados em 2017, encontrei uma Bancada Federal já reduzida em relação aos eleitos em 2014. E com uma fratura exposta impossível de não ser percebida, pelos eventos de 2015, com o pedido de auditoria das urnas, pelo processo de *impeachment* de 2016, que não contaram com uma discussão interna que resolvesse a divisão no apoio a essas medidas. Logo em seguida, gravações implodiram a estabilidade partidária, feita pelos donos da JBS sobre Aécio Neves, e a do Planalto, feita sobre Temer, ambas em 2017.

Confesso que fiquei chocada presenciando atitudes de companheiros de partido que mais pareciam de inimigos entre si. Enquanto a economia ia se estabilizando, a política seguia sofrendo de terremotos sequenciais. A fratura foi ao limite. Pedi que fossem realizadas eleições gerais que resolvessem essa situação explosiva, triste. Foram sim feitas em 2017. Aí fui eleita para meu segundo mandato como presidente do PSDB Mulher, pelo voto direto, segundo nosso regimento determina.

A cultura da violência impera no país, e isso tem resultado em crescimento significativo na violência doméstica e, em especial, na violência contra a mulher. Além do aprimoramento no campo das leis, é fundamental agir todos os dias na mudança de cultura, através da educação e de políticas públicas para a prevenção da violência. Espero que a Frente Parlamentar Mista de Prevenção da Violência, que formei em 2017, fique como uma semente nesta Casa, ajudando a criar uma sociedade mais justa e pacífica nos tempos que virão. Dois fatos novos, deste 2018, mostram que sim, a prioridade à

Segurança Pública e Prevenção da Violência é efetivamente praticada. Desde a intervenção federal no Rio de Janeiro e a criação do Ministério da Segurança Pública em março pelo governo Temer, e com a vitória do candidato da Segurança Pública para a presidência da República, nesse campo teremos continuidade e ampliação dos investimentos e das políticas públicas.



08/11/17: 1ª Audiência Pública da Frente Parlamentar Mista de Prevenção à Violência na Câmara dos Deputados. (Foto: Cleia Viana/CD) | Durante a audiência, a deputada federal Yeda Crusius, presidente e idealizadora da Frente, fala sobre a prevenção da violência. (Foto: Alexssandro Loyola/ Ascom PSDB na CD)

HOJE

As eleições de 2018 terminaram há dois dias, com o segundo turno confirmando Jair Messias Bolsonaro (PSL) como presidente eleito. Sofrendo atentado que quase o matou no meio do período eleitoral, ganhou uma eleição *sui generis*, na

qual os votos de um antipetismo gigantesco ficaram evidentes. E vitoriosos. O povo votou Fora PT, na esteira do acontecido nas eleições municipais de 2016, só que agora com vigor federal. Fim de ciclo, portanto, para o PT. Só que desta vez levando junto o PSDB e vários outros partidos políticos. As eleições varreram como um tsunami ocupantes que há décadas ocupavam os espaços políticos nacionais. É necessário aprender com o fato, e com coragem enfrentar a reconstrução.

Não há que ter medo.

Quando acompanho a fantástica evolução que a TI tem promovido no campo da saúde, com aumento geral na taxa de longevidade, celebro. Celebro quando essa base tecnológica permite escolhas praticamente infinitas no mundo das informações, do entretenimento, na convivência digital, com a inclusão livre sim de quem dela participa. Se gera problemas de exclusão no mundo do trabalho; que se inclua pelo treinamento e pela educação. Como no caso da guerra entre fabricantes de velas e de lâmpadas, naquele século, o mundo cresceu de tamanho, não excluindo ninguém mas exigindo adaptação ao novo. Não dá para impedir a inovação e o fruto da ciência.

Aliás, quando acompanho a evolução acelerada da ciência no campo da neurobiologia, que nos permite conhecermos melhor o ser humano – quem somos afinal, cérebro, genes, emoção, racionalidade - como nunca pudemos antes, celebro. Explica-se o mundo da felicidade, o da depressão, se enfrenta o problema e se produz a cura.

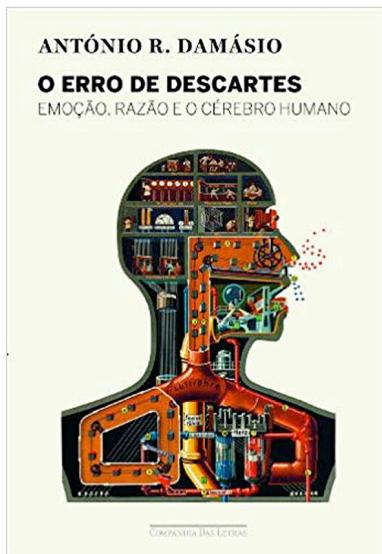
Quando vejo uma juventude entender o que é *O Erro de Descartes* (António R. Damásio, Companhia das Letras, 1994), e optar pelo liberalismo, considerado pelas experiências e manipulações da esquerda retrógrada e totalitária -

principalmente em salas de aula - como extirpado da Terra, encho-me de esperança.



A deputada federal Yeda Crusius discursa na Câmara Foto: Luis Macedo/Câmara dos Deputados/21-06-2017

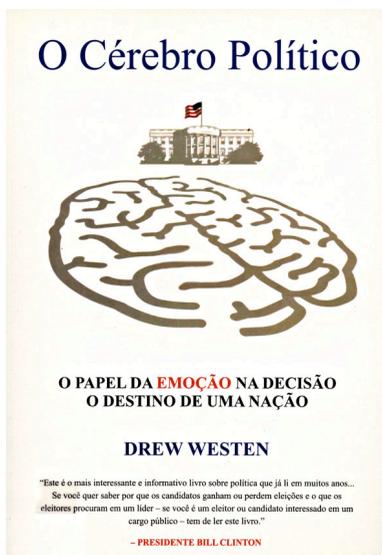
Matéria jornalística do O GLOBO publicada no dia 30/10/18. Link: <https://oglobo.globo.com/brasil/do-jeito-que-esta-psdb-deixou-de-existir-diz-integrante-da-executiva-nacional-do-partido-23199224> | Capa do livro “O Erro de Descartes”, de Antônio R. Damásio (Companhia das Letras, 1994).



Quando convivo crescentemente com ativistas da liberdade de expressão, de reunião, de imprensa, de opção sexual, de opinião, cerebro. Não é possível para atores políticos livres se agarrarem à política partidária de outro ciclo já terminado, como náufragos de um tsunami, olhar voltado para o que já foi, quando o que está por vir é vida. Não há porque ter medo do incerto por futuro ser. É nele que vive o sonho que queremos.

Por ser um partido nascido para defender e respeitar os valores fundadores da Democracia, se desejamos uma sociedade

mais justa e menos violenta, o PSDB continua a ser um **partido necessário**. Fraturado como está, não cumprirá o seu papel institucional. Fenecerá.



Capa do livro "O Cérebro Político", de Drew Westen, Editora Ver Curiosidades, 1ª Edição, 2008, 388 págs. | 05/06/18: Lançamento do Manifesto "Por um Polo Democrático e Reformista". (Foto: Izys Moreira/ Ascom YC)

É por isso que devemos reconhecer que nossas propostas não deram eco à voz das ruas e não manteremos assim nosso espaço de condutores do Centro Democrático. É preciso coragem para reconhecer isso, e disposição e competência para construirmos um novo caminho, com o mesmo rumo que nos dá sentido como partido.

Nosso debate começa hoje, após o 2º turno. Vida longa ao PSDB!

2018

O FUTURO É HOJE

FIM DE CICLO.
BEM-VINDO O NOVO.

GABINETE PARLAMENTAR

Telefone: (61) 3215-5445

E-mail: dep.yedacrusius@camara.leg.br

Câmara dos Deputados, Anexo IV Gabinete 445

Esplanada dos Ministérios – Brasília/DF

CEP: 70.160-900



www.yedacrusius.com.br

BRASÍLIA